

DESVALORIZAÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NO ENSINO BÁSICO: trabalho de cuidado e reprodução social.

Roberta Lilian Moraes Ribeiro (UFC)¹,
robertaribeiroufc@gmail.com

RESUMO

Este trabalho analisa a desvalorização do trabalho docente na educação básica brasileira a partir de uma abordagem crítica que articula trabalho, gênero e reprodução social no contexto do capitalismo. Parte-se da compreensão de que a docência se constitui como um trabalho socialmente indispensável para a formação moral, intelectual e social dos estudantes, e também para a reprodução da força de trabalho, desempenhando um papel importante para a manutenção da vida social. Contudo, por não integrar diretamente a esfera da produção de valor, o trabalho docente ocupa uma posição subalterna na divisão social do trabalho, o que contribui para seu rebaixamento simbólico e material. A feminização histórica do magistério é analisada como elemento central desse processo, compreendida não como um fenômeno natural ou meramente cultural, mas como resultado de determinações históricas vinculadas à organização capitalista do trabalho. Observa-se como discursos associados à vocação, ao cuidado e à feminilidade operam na naturalização da precarização do trabalho docente. O estudo demonstra que a desvalorização da docência não é um fenômeno contingente ou conjuntural, mas constitutivo da organização capitalista do trabalho e das relações sociais de gênero que estruturam a reprodução social. Ao mobilizar a Teoria da Reprodução Social (TRS) como chave analítica, torna-se possível compreender que essa desvalorização expressa a relação contraditória entre produção e reprodução no capitalismo. Dessa forma, a desvalorização do trabalho docente revela-se como um traço estrutural do capitalismo, diretamente relacionado à posição subordinada dos trabalhos de reprodução social e à sua histórica feminização. A análise do magistério enquanto trabalho sociorreprodutivo contribui para romper com explicações n

¹ Graduanda em Ciências Sociais (UFC). Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6138126223398879>

aturalizantes e evidenciar os mecanismos sociais e ideológicos que sustentam sua precarização.

Palavras-chave: Trabalho docente. Gênero. Feminização do magistério. Divisão sexual do trabalho. Teoria da Reprodução Social.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho parte de uma investigação sobre a desvalorização do trabalho docente na educação básica brasileira, que se organiza no interior da estrutura capitalista de trabalho, a fim de compreender como se constituem e se efetivam as relações de gênero, valorização e reprodução social no contexto escolar. Diante dos avanços e limites encontrados na literatura de referência, a investigação se justifica pela necessidade de compreender, em específico, como a feminização histórica do magistério é mobilizada social e ideologicamente pelo capitalismo como elemento funcional à naturalização da precarização e no rebaixamento simbólico e material da docência.

A análise do trabalho docente permite refletir sobre a organização social do trabalho e a divisão sexual de responsabilidades, evidenciando como atividades essenciais à formação intelectual, moral e social da força de trabalho permanecem subordinadas à lógica da produção de valor capitalista. As relações de trabalho na educação básica revelam como discursos associados à vocação, ao cuidado e à feminilidade naturalizam a sobrecarga e a desvalorização do trabalho docente, reproduzindo hierarquias de gênero e estruturando formas específicas de exploração.

Busca-se compreender o trabalho docente visando uma visão ampla das implicações materiais e simbólicas das práticas pedagógicas, considerando seu papel na reprodução social e na manutenção do sistema capitalista. Este estudo também contribui para a discussão sobre feminização do trabalho, divi

são sexual do trabalho e hierarquização entre atividades produtivas e reprodutivas, revelando a complexidade e os desafios enfrentados pela docência na contemporaneidade.

2 METODOLOGIA

Visando analisar o tema sob uma perspectiva crítica, este estudo foi orientado pelo materialismo histórico-dialético, buscando compreender a desvalorização do trabalho docente na educação básica no contexto das relações sociais de produção e reprodução do capitalismo. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, baseada na revisão e análise crítica de livros, artigos acadêmicos e estudos teóricos relacionados ao trabalho docente, à feminização do magistério e às relações de gênero.

A revisão teórica permitiu explorar de forma aprofundada a articulação entre a precarização do trabalho docente, seu rebaixamento simbólico e material, e as relações entre trabalho produtivo e reprodução social. A análise crítica das fontes possibilitou identificar padrões históricos e sociais que contribuem para a compreensão das desigualdades de gênero e da desvalorização estrutural da docência. Dessa forma, o estudo se sustenta na construção de uma reflexão teórica e histórica sobre o trabalho docente, articulando diferentes contribuições acadêmicas para evidenciar a natureza estrutural da desvalorização do magistério no contexto capitalista.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise histórica evidencia que a docência no Brasil não se constituiu inicialmente como profissão, mas como atividade religiosa e masculina, vinculada à catequese e à formação das elites coloniais. A partir do século

XIX, com a expansão do ensino primário e a criação das Escolas Normais, ocorre a entrada massiva das mulheres no magistério, especialmente nas séries iniciais. Esse processo foi sustentado por discursos científicos, pedagógicos e morais que associavam as mulheres à sensibilidade, ao cuidado e à moralidade, construindo a docência como uma ocupação adequada à feminilidade. Como demonstram Saviani (2021) e Stamatto (2002), a institucionalização da professora como figura dócil, disciplinadora e moralmente exemplar consolidou a feminização do magistério e contribuiu para a compreensão da docência como vocação, e não como trabalho qualificado.

2.1 TRABALHO DOCENTE, VALOR E REPRODUÇÃO SOCIAL

A partir da teoria do valor em Marx (2023), observa-se que o reconhecimento social do trabalho no capitalismo não decorre de sua utilidade, mas de sua capacidade de produzir valor. O trabalho docente, embora indispensável à formação intelectual e moral da força de trabalho, insere-se predominantemente na esfera da produção de valores de uso e da reprodução social, não participando diretamente do processo de valorização do capital.

A teoria da reprodução social, conforme articulada por Lise Vogel (2022), permite compreender que a manutenção cotidiana e a renovação geracional da força de trabalho ocorrem fora da esfera imediata da produção de valor, mas são essenciais à reprodução do capitalismo. Esses processos são historicamente organizados a partir de relações sociais de gênero, que atribuem às mulheres a responsabilidade prioritária pelas atividades reprodutivas. Nesse sentido, a docência básica, embora exercida no espaço público e sob a forma assalariada, incorpora funções centrais do campo reprodutivo, aproximando-se das práticas de cuidado historicamente atribuídas às mulheres.

2.2 DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E DESVALORIZAÇÃO DOCENTE

Conforme Hirata e Kergoat (2007), a divisão sexual do trabalho evidencia que o trabalho social é organizado a partir de dois princípios: a separação entre trabalhos de homens e mulheres e a hierarquização entre eles. Mais do que uma simples divisão de tarefas, constitui um elemento central na manutenção dessas relações, sendo historicamente construída e socialmente modulada. Esse processo se caracteriza pela atribuição prioritária aos homens às atividades da esfera produtiva e às mulheres a responsabilidade pela reprodução social, ao mesmo tempo em que concentra nos homens as funções de maior prestígio e valor social, assegurando a reprodução das hierarquias de gênero.

A contribuição de Roswitha Scholz (1996) aprofunda essa análise ao de mostrar que a própria forma social do valor é generificada. Ao afirmar que “o valor é o homem”, a autora evidencia que a socialização pelo valor historicamente se constituiu a partir da exclusão e da dissociação das atividades reprodutivas, atribuídas às mulheres. A feminização da docência, portanto, não é um fenômeno secundário, mas elemento estrutural da desvalorização do trabalho docente no capitalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida permite compreender que a desvalorização do trabalho docente na educação básica brasileira deve ser compreendida como um fenômeno estrutural ligado à organização capitalista da sociedade, e não como consequência direta da presença majoritária de mulheres na profissão. Inserido entre os trabalhos de reprodução social, o trabalho docente cumpre funções essenciais para a formação da força de trabalho e para a manutenção

da vida social, mas permanece sistematicamente menos reconhecido e remunerado do que o trabalho produtivo que gera valor diretamente.

Nesse sentido, a feminização do trabalho docente não pode ser interpretada como um fenômeno natural, cultural ou meramente contingente, mas como um processo histórico funcional à lógica do capital. Sua consolidação ocorre em articulação com as transformações do Estado, da escola e do mercado de trabalho, operando como uma estratégia de organização da força de trabalho que combina a expansão da escolarização com a redução de custos, a desvalorização salarial e a precarização das condições laborais, mediadas por ideologias de gênero que naturalizam o cuidado, a docilidade e a disponibilidade feminina para esse tipo de trabalho.

Ao mobilizar a TRS como chave analítica, torna-se possível compreender que a desvalorização do trabalho docente não é um desvio do sistema, mas uma de suas expressões estruturais, resultante da relação contraditória entre produção e reprodução no capitalismo. Trabalhos indispensáveis à sustentação da vida social, como a docência, são sistematicamente subordinados aos imperativos da lógica do valor, o que aprofunda processos de precarização, sobrecarga e invisibilização. Assim, reconhecer o trabalho docente como trabalho sociorreprodutivo e compreender sua feminização como historicamente funcional ao capital não apenas amplia o campo analítico das pesquisas educacionais, mas também recoloca a escola e a docência como espaços estratégicos de disputa política e social no interior das lutas da classe trabalhadora.

REFERÊNCIAS

FREITAS, M. de F. R. L. de. Feminização do trabalho docente no Brasil: aproximações iniciais a partir da Teoria da Reprodução Social. **Germinal: marxismo e educação em debate**, Salvador, v. 16, n. 1, p. 942-960, 2024. DOI: 10.9771/gmed.v16i1.56871. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/56871>. Acesso em: 25 dez. 2025.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política**. Livro I: O processo de produção do capital. 3. ed. São Paulo: Boitempo, 2023.

PATROCINO, Laís Barbosa. Desvalorização da docência: condições históricas e sociais. **Educação em Debate**, Fortaleza, v. 44, n. 87, p. 96-109, 2022. DOI: 10.24882/eemd.v44i87.81177.

RUBIN, Isaak Illich. **A teoria marxista do valor**. São Paulo: Brasiliense, 1980.

SANTOS, Maria das Graças Moura; COSTA, Dhemersson Warly Santos. A mulher na educação: um caminho de pedras. *Diversidade e Educação*, v. 6, n. 1, p. 59-66, 2018.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 6. ed. São Paulo: Autores Associados, 2021.

SCHOLZ, Roswitha. O valor é o homem: teses sobre a socialização pelo valor e a relação entre os sexos. *Novos Estudos*, n. 16, 1996.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. Um olhar na história: a mulher na escola (Brasil: 1549-1910). In: *CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 2002. Anais [...]. p. 1-11.

VOGEL, Lise. *Marxismo e a opressão às mulheres: rumo a uma teoria unitária*. São Paulo: Expressão Popular, 2022.